



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais
Diversidades e (Des)Igualdades
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

O KUDURO É DE ANGOLA: ESPECTRO DA CULTURA, INOVAÇÃO E DESCENTRAMENTO

Autores: Manoel Sotero Caio Netto¹; Paula Manuella Silva de Santana²

Universidade Federal de Pernambuco

sotcaio@gmail.com; paulamssantana@gmail.com

1. Considerações Iniciais

Este artigo é fruto de temas transversais de nossas pesquisas de dissertação de mestrado, em que estudamos, respectivamente, as novas possibilidades de produção, difusão e consumo da música vinculadas ao uso de tecnologias e a construção de um sentido de modernidade periférica em Angola por meio de sua literatura contemporânea. Em meio a nossas preocupações particulares com nossos objetos de pesquisa, surgiu um interessante desdobramento, que se tornou o foco principal deste artigo em parceria, que se traduz na seguinte questão: em que medida contextos periféricos fraturados pela história podem suscitar novas formas de enunciações discursivas no campo da arte e da cultura?

Diante deste cenário, as irradiações do *Kuduro* de Angola na plataforma *youtube*³ surgem como interessante *corpus* de análise destes fenômenos, uma vez que a publicação de videoclipes no site, muitas vezes em primeira mão, associada a possibilidade de comentar o material disponibilizado, terminaram por configurar um interessante espaço de sociabilidade e encontro de angolanos que vivem pelo país, bem como dos que estão *em trânsito* pelo mundo.

este e o unico video clip de kuduro que passa ca na hollanda na tv dos pulas ,lambas sao forte. cesarfarai

http://www.youtube.com/all_comments?v=iyLe5da1t0Q

Adoreiiii esse Puto Lilas é muito bom de letra e ritmo, a mistura de ritmos que ele usou é simplesmente fantástica. Beijo grande da Inglaterra. Carmita Guimarães

<http://www.youtube.com/watch?v=yHybm-gYXyU&feature=related>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Este espaço permitiu uma audiência mais ampla e uma comunicação mais direta entre angolanos e pessoas de outras nacionalidades. Reforçamos, portanto, que se trata de um compartilhamento de sons, imagens, mas também de textos, ideias e visões de mundo.

2. Cartografias Contemporâneas de Angola

Embora não esteja dentro do escopo deste artigo problematizar a história recente de Angola, a guisa de contextualização faz-se necessário perpassar alguns momentos emblemáticos da história do país. Após quase vinte anos de lutas anticoloniais, Angola foi o último país colonizado por Portugal a tornar-se independente, no dia 11 de novembro de 1975. O processo de libertação procurou exprimir os anseios mais profundos das camadas pobres de Angola. Todavia, a sociedade angolana, a partir de meados dos anos 1980, se viu permeada por um espírito distópico, pois a independência não resolveu todos os problemas sociais do país e as promessas revolucionárias não foram todas cumpridas. O sonho de paz e liberdade durou pouco. A situação política angolana se agravou com o início de uma das guerras civis mais longas e violentas do continente africano, que só terminou em 2002. Com o devir dos anos, a celebração da vitória cede lugar à desilusão da guerra civil e à falência do regime socialista no país.

Este contexto, fraturado, repleto de dilemas e linhas tênues gerou interessante material de análise sociológica e de crítica social, no entanto, a carência de um pensamento social sólido em África contribui imensamente para que a arte e a cultura fossem alçadas a uma importante fonte de análise histórica e sociológica. Bittencourt (2007) aponta uma série de obstáculos e problemas no que se refere à produção historiográfica em Angola. O autor ventila que a primeira turma de historiadores formada na Universidade Agostinho Neto (UAN), a maior universidade pública de Angola, concluiu o curso em 2008. Para, além disso, há uma ênfase na formação de licenciados, o que marginaliza a formação de grupos, núcleos ou projetos de pesquisa. Em conversa via e-mail, no início de 2009, o Professor Paulo de Carvalho, chefe do Departamento de Sociologia da UAN, lamentou-se da falta de programas de pós-graduação em sociologia em Angola e, conseqüentemente, da carência de pesquisadores



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

e de produção científica que problematize questões históricas, sociais, políticas e culturais fulcrais para um país em fase de reconstrução. No entanto, ambos os pesquisadores concordam que a história nunca deixou de ser contada, escrita e discutida. Os livros de memória, a literatura, a música, as artes plásticas e o cinema não ocupam necessariamente o lugar dos livros de História e Sociologia, mas dão atenção e reviram uma série temas que muito dizem respeito ao modo como os angolanos encaram o seu passado remoto e recente.

Dentre os fenômenos artísticos e culturais que nos fornecem importante fonte de apreciação, surge o *Kuduro*, um estilo de dança e música que surgiu em Luanda, nos anos noventa, espalhando-se por meio das migrações e da internet por outros países da CPLP, especialmente Portugal. As letras de *kuduristas* como Bruno M, Os Vagabanda, Agre G, Puto Prata, Puto Lilas e Os Lambas começam a circular e ganhar o mundo dão ao *Kuduro* caráter problematizador do cotidiano e acerca dos rumos do país, agora, independente. O *Kuduro* procura, por entre as sombras das distopias, feixes de luz e esperanças.

Por essas razões, de início é preciso distinguir dois tipos de fenômenos: o primeiro que diz respeito ao *Kuduro* enquanto gênero musical, consumido pela juventude, em especial negra e trabalhadora, por meio da frequência aos salões de baile da periferia ou clubes que integram o circuito cultural negro no centro da cidade, pelo consumo de discos e audiência às rádios FMs; o segundo, objeto de análise neste artigo, envolve a disseminação do KUDURO enquanto prática discursiva e de produção cultural, não apenas modalidade de consumo, resultando na criação de diversos discursos sobre a construção de uma *angolanidade*, de um estilo de vida cotidiano tipicamente *mwangole*², de uma música que represente o povo angolano e por que não, de um espectro cultural apartado das imposições da empresa colonial lusitana. Assim, o *Kuduro* será examinado como uma manifestação cultural juvenil, originada nas ruas das cidades, em seus bairros distantes onde vivem os setores mais empobrecidos de Luanda.

Sob esse ponto de vista ele passa a ser entendido como produto da sociabilidade juvenil contemporânea, reveladora de uma forma peculiar de apropriação das



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

tecnologias digitais de divulgação e compartilhamento de conteúdo, ideias e do agir coletivo capaz de mobilizar em torno de uma identidade cultural comum.

@Gigio14 gigip.pra entenderes os lambas,tens que ser de angola.se nao fores de angola,tens que fazer um esforcao,porque eles exprecao em portugues estilo angolano,e do nosso querido ghetto,puras experecoes,que nos fazem estar mas orgulhozos de ser de angola.de cabinda ao cunene.eles lansan muitas piadas e estou seguro que se continuares a escutar-les,vaz entender mas e mellhor,e serás mas angolano.um abraçao

bobbybiggs007 10

vamos expandir o kuduro, pq os franceses ja estao a dizer q o kuduro nasceu no senegal, nas antilhas e etc...todos os dias ha um lugar d nascimento novo...mas nunca dizem luanda, anos 90, onde so comia carne os mais lixados...hahahahahahahah

http://www.youtube.com/all_comments?v=RQW1sSppdGM/watch?v=RQW1sSppdGM

Mesmo sendo estilo de música, o *Kuduro* não se reduz a um mecanismo habitual da sociedade de consumo ou mercado jovem. A fala acelerada, a partir de uma base musical sincopada e frenética, faz da palavra associada ao ritmo a sua grande força. Por mais prosaicos que sejam os temas, diferente da profundidade das críticas sociais do *Rap*, por exemplo, ainda assim é possível descobrir na superfície do cotidiano um desejo de expressar o que se passa, contar a vida das ruas, seus dilemas, denunciar ou ridicularizar o que ocorre na sociedade, fazer uma espécie de crítica dos costumes.

Esta é uma tônica predominante na produção musical dos *Kuduristas*, podendo ser traduzida em expressões variadas, pois cada grupo que se forma desenvolve o seu estilo peculiar de cantar, acentuando o humor ou a sátira, crítica social ou o romantismo.

KudurodeAngola: meu caro 9856356, aceito o facto de n perceberes claramente o k eles dizem nas suas musicas, tb n percebo, ms gosto e respeito. pois temos k dançar de acordo a musica, se dizes k gostas de kuduro, e kuduro tb é isso, devias respeitar um pouco mais o k é nosso, se achas k o kuduro não tem nível limita-te ao tecno k é só batida. destá maneira dás azo para os palhaços como o Tiago... gozar com aquilo k é nosso. Valorizemos o k é nosso, e se n és ANGOLANO respeita o k é dos outros.

http://www.youtube.com/all_comments?v=RQW1sSppdGM/watch?v=RQW1sSppdGM

Mas, se o *Kuduro* nasce no interior do mundo da exclusão, é preciso considerar que nesse âmbito ele opera um recorte inicial: trata-se da exclusão social associada a outra modalidade de exclusão advinda das relações entre as raças. Assim, esse gênero procura articular, nem sempre organicamente, três dimensões: a primeira, mais próxima de suas origens, aponta para mais questões específicas que afligem a população negra



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

no interior de uma sociedade marcada pela hegemonia econômica de uma pequena elite branca; uma segunda, de caráter social, se expressa na denúncia das condições de vida das populações trabalhadoras da sociedade; e a terceira aponta para as dimensões excludentes das relações geracionais, remetendo a uma específica forma de discriminação que atinge os jovens, marcados pela estreitas possibilidades de emprego, pelas dificuldades escolares, pelos dilemas presentes no mundo das drogas ou do crime e, sobretudo, porque este setor se tornou o alvo privilegiado da violência policial e de grupos exterminadores.

As letras retratam os conflitos de uma época marcada pela fragmentação, pela ambivalência e pelas incertezas de uma paz ainda recente para se afirmar duradoura. É neste cenário de transição, entre a guerra e a paz, entre as tradições e as inovações da modernidade, entre a África ancestral e a crescente ocidentalização que as narrativas do *Kuduro* se desenvolvem, espelhando a sociedade angolana, tal como esta se apresenta no início do século XXI.

Trazendo à baila temas relacionados ao cotidiano do bairro, a uma identidade nacional angolana, festas e uma diversidade de temas do dia-a-dia, sempre de maneira satírica e crítica, procura dar relevo a uma manifestação cultural “genuinamente” angolana em oposição à obscuridade das imposições culturais do período colonial. Para pensar tal autonomia, a reflexão proposta pelos estudos pós-coloniais se faz bastante profícua, uma vez que o *Kuduro* traz à tona discursos que, em muitas nuances, foram abafados pela empresa colonial e pelo autoritarismo do período pós-independência.

Notamos que o Estado angolano e a incipiente sociedade civil angolana pouco ou nada fazer para estancar o processo de brasileirização da vida angolana, actualmente em curso. Muito pelo contrário, até promovem, difundem e aplaudem isso. Hoje em dia, são poucas pessoas a pensar Angola e a agir em função dos anseios de uma “cultura angolana”. No que concerne à arte e à cultura, para além das influências mútuas no âmbito da literatura (com ênfase a partir dos anos 1940), iniciou-se uma forte invasão da indústria cultural brasileira na sociedade angolana nos últimos anos. Até que ponto estas referências são positivas e/ou negativas? Genericamente falando, vinga mesmo o princípio segundo o qual “o que vem do estrangeiro é que é bom” e, particularmente, “o que vem do Brasil é que é bom”. (CARVALHO, 2009)

Talvez esse ímpeto nacionalista que perpassa o *Kuduro* enquanto fenómeno cultural se relacione com esse processo. Assim sendo, sob a estética do *Kuduro* e por meio da mediação de espaços virtuais como o *youtube*, público e artistas narram e



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

performatizam uma espécie de “contra-história” angolana, ressignificando o cotidiano, construindo coletivamente uma identidade cultural angolana e, especialmente, desconstruindo estereótipos amplamente difundidos na Europa e nas Américas associados ao ser “africano”. Neste sentido, existe, em certa medida, uma instância de construção mais autônoma. O anonimato também parece ser um elemento facilitador na construção de discursos mais radicais e que revelam as profundezas dessas tensões advindas dos processos sociais e históricos vivenciados por Angola nos últimos 60 anos. A partir desses espaços é possível a aproximação dos sentidos em torno da produção musical e daquilo que está no seu entorno. Embora as letras das músicas nem sempre tenham esse conteúdo mais nitidamente crítico, parece-nos que está inscrito num processo mais amplo que, não raramente, são acionado.

Não há Africano que seja que deva (...) grande respeito ou fé à Europa; estas conversas de "haviam é de estar gratos" a tapar os olhos, jeitosamente, a uma puta cambadona de história de domínio e arrasamento histórico, físico, cultural. É um argumento de treta, e já chega dele. Acredito eu. Doopex

aqui as pessoas escrevem como quiserem. shuete

acho que devemos fazer-nos compreender minimamente se querem que entendam a nossa mensagem ou opinião...não é com certo tipo escrita que isso será facilitado.

http://www.youtube.com/all_comments?v=iyLe5da1t0Q

Neste sentido, poderíamos encontrar alguns aspectos de resistência no Kuduro. Quando falamos no conceito de resistência temos a sensação de estarmos trabalhando com um aporte demasiadamente disperso e que, por vezes, parece não contribuir na compreensão de particularidades dos fenômenos sociais. Poderia, portanto, servir aos propósitos de temáticas de opressão política tão quanto às efêmeras configurações da cultura de massa.

João Freire Filho, admitindo mesmo a revisão constante do conceito de resistência, coloca que

distintas acepções do termo vêm sendo formuladas por autores de índole neogramscianas ou pós-moderna, cuja agenda analítica se estende para além de questões de estrutura e controle social, contemplando (ou mesmo priorizando) manifestações de agenciamento – capacidade mediada socioculturalmente de agir de modo propositado (e, por vezes, criativo) diante de imposições coercivas e estados de dominação, impedindo, fortalecendo ou catalisando mudanças em normas, sanções e hierarquias sociais (FREIRE FILHO, 2007, p. 13).

Essa agência, no sentido de trazer os contornos que definiriam uma identidade angolana, aparece de muitas formas, seja na questão da língua seja em outros elementos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

que conformam as identidades. Como podemos perceber no primeiro diálogo abaixo, a resposta está atenta a definição de uma língua portuguesa, porém angolana. Além disto, existe um esforço de defesa dos traços particulares que, por sua vez, trazem aspectos identitários importantes.

E0syd0mover: what language is this?

Dbssoldiers: portuguese of angola

renandriner: Eu nao sei se vc e tuga ou nao...mas seja la de onde fores, tu es com certeza a pessoa mais ignorante e estúpida por chamar kuduro 'danca dos animais'. Nos gostamos do Kuduro assim...Torna os ANGOLANOS ainda mais UNIDOS!!!! tavire comboio

Nao comparem fado com Kuduro, são duas coisas completamente distintas, importante é dizer que se fala português nas duas e haja orgulho nisso!! hrxxdj

fado é melhor nos teus sonhos (...) Eauhsua

Querido o nosso falar tem esse sotaque porque há nele influência das nossas línguas. Agora se nao gostas da nossa musica e achas que e musica de animais, e simples basta nao ouvires, eu axo o fado uma porcaria e por isso eu nao ouço fado, entendes? ou tens a compreensão lenta? Luianinha

memo, quem tem raiva uóo, é porque não tem domm ! tá muito bom mesmo, muito orgulho em ter nacionalidade angolana. quem nunca foi na banda não percebe o porquê do nosso amor á nossa terra, a banda bate muittoo ya (L) eunicesimoes. ANGOLAAAA!

http://www.youtube.com/all_comments?v=iyLe5da1t0Q

Interessante perceber, à luz de Bakhtin, que o discurso não é individual, pois se constrói entre pelo menos dois interlocutores (num processo dialógico) que, por sua vez, são seres sociais; não é individual porque se constrói como um diálogo entre discursos, ou seja, porque mantém relações com outros discursos. Desta maneira, Bakhtin aponta no enunciado-discurso dois aspectos: o que vem da língua e o que vem do contexto, ou, em outras palavras, concebe o texto como produto de uma enunciação ou de um contexto histórico, social, cultural e etc. Conciliam-se, assim, nos escritos de Bakhtin, as abordagens ditas “externas” e “internas” e recupera-se, no texto, seu estatuto pleno de objeto linguístico-disursivo, social e histórico (BARROS, 2007, p.31). O autor critica as análises parciais tanto do “ideologismo estreito”, quanto do formalismo limitado.

nao entendes nada isso sim!!isso é a linguagem do guetto jovem,tu achas que um britanico entede tudo que um americano do guetto fala?

http://www.youtube.com/all_comments?v=RQW1sSppdGM/watch?v=RQW1sSppdGM



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Temos clareza do processo de agenciamento que investigamos. Situamos as mudanças estruturais no sentido de oferecer uma reflexão ampliada de nossos objetivos. Sem sombra de dúvidas as mudanças nas lógicas do capitalismo tiveram implicações na ambiência aqui sinalizada, assim como as transformações tecnológicas. Não obstante, não deixamos de reforçar que as tecnologias não podem ser apartadas dos processos sociais mais amplos. A tecnologia não é algo anômalo as práticas e demandas sociais, assim como não devemos pensar essas práticas como epifenômenos das reordenações do capitalismo. Esse agenciamento é de fundamental importância para o entendimento da construção e da complexidade envolvida nesse ato de compartilhar, haja vista a infinidade de variantes situacionais que configuram esse objeto. Sem dúvida, admitir esse agenciamento nos permite pensar como essas práticas emergentes alteram determinadas lógicas sedimentadas, tanto na produção cultural como na vida cotidiana. Não se trata nem de nos limitarmos as preocupações da economia política, a qual se envolvia com os aspectos de produção, nem mesmo de pensarmos somente nos termos da recepção e dimensões do texto (como é próprio dos estudos culturais). Estamos próximos e inclinados a caminhar por uma perspectiva que leve em consideração essas atividades criativas e reflexivas em torno do consumo compartilhado da música, assim como compreender as apropriações tecnológicas que estão sendo feitas, apesar dos constrangimentos.

A escolha do Kuduro e do Youtube foi à possibilidade de agregar a discussão mais geral do fenômeno do compartilhamento e nos situar com maior profundidade com relação às redefinições na experiência da música, onde as práticas discursivas pareceram ser uma escolha bastante acertada. Não obstante, voltar-se para o objeto tentando perceber nele características mais gerais de um fenômeno global não pareceu satisfatório. Pensamos que seria necessário trabalhar com aquele material discursivo de forma mais generosa, buscando nos aproximar dos aspectos mais reflexivos.

Muito embora orientemos nosso trabalho numa perspectiva interdisciplinar, buscamos norteá-lo, sobretudo sob uma perspectiva sociológica. A partir do momento que percebemos que aquilo que estava sendo compartilhado não era apenas a música, mas sentimentos, imagens, idéias, entre outras coisas, tivemos a clareza que esse material discursivo merecia algum tratamento. Poucos estudos, pelo que pudemos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

observar, sinalizaram para este caminho. Apesar dessa conformação interdisciplinar buscamos chamar atenção de um problema sociológico. A produção e consumo da música passam por outras lógicas. Não somente está sendo compartilhada a música, mas existe uma elaboração discursiva também publicada que permite uma reconfiguração.

Tendo em vista isto, do ponto de vista teórico-metodológico, a proposta de Bakhtin será de grande valia para o tratamento das práticas discursivas da audiência do *Kuduro no You tube*, uma vez que a língua e a linguagem caracterizam-se como a convergência de forças sócio-ideológicas tanto internas quanto externas à obra, sinalizando a projeção das marcas, limites, dilemas e contingências do tempo e do lugar do artista e do público nas narrativas de um país ainda tão jovem. Notadamente, a palavra cantada é a revelação de um espaço no qual os valores de uma dada sociedade se explicitam e se confrontam. Justificamos ainda a escolha metodológica da análise do discurso, embora não a realizemos, a rigor, neste momento. São roteiros e notas que projetam problemas sociais e desafios sociológicos, visto que esse consumo qualitativamente distinto provocou alterações na sensibilidade para com a música e todo o seu arranjo

Propomos, pois, um estudo exploratório devido à própria novidade do tema, buscando no instrumental conceitual sociológico as pistas interpretativas para uma reflexão mais sólida. Trata-se de espaços de compartilhamento de registro de som e imagem, mas também se configuram como espaços de reflexão e discussão acerca dos processos de produção musical, identitários, históricos, desigualdade social, entre outros.

3. A Circulação do *Kuduro*

Antes de mais nada gostaríamos de colocar de onde estamos partindo para a investigação do nosso objeto. Estamos levando em conta outros elementos para este debate em torno da música Kuduro, isto é, para além de uma noção ligeira de um produto encerrado nas lógicas ou razões instrumentais.

pode-se presenciar ainda uma significativa discordância a que chegaram muitas análises sociologicamente apli cadas ao estudo daquela modalidade musical, no que pese aos efeitos sociais



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

por ela causados. Nesse sentido, vamos encontrar uma visão profundamente pessimista do fenômeno, que vê no processo de fetichização da canção a existência de um círculo vicioso que se fecha numa devastadora regressão da audição e conseqüente conformismo e passividade por parte do ouvinte - essa idéia tem a sua mais ardorosa defesa na crítica que Adorno faz ao que ele próprio denomina de “a música ligeira”, referindo-se ao alto grau de produção, circulação e consumo por que passa essa canção, o que não lhe permite qualquer inovação senão aquela de ordem funcional ao próprio mercado de sua circulação. Por outro lado, entretanto, vê-se surgir uma perspectiva menos elitista de abordagem, e que tenta ver que não é suficiente reduzir toda a explicação dos mecanismos relativos à canção de consumo (e, de resto, de grande parte dos produtos da indústria cultural) ao puro critério das relações industriais e comerciais - sendo necessário tentar ir além dessa colocação, pelo exame das suas funções não apenas econômicas, mas também sócio-culturais: deixando os problemas de caráter estético para uma outra ordem de abordagem, aquela que ambiciona um maior entendimento da própria economia interna da organização musical. (SOARES, 1994, p. 67).

Em pouco tempo o *Kuduro* enquanto estilo de música jovem invadiu os meios de comunicação de massa em Angola e se tornou objeto de consumo cultural mais amplo. Embora suas primeiras manifestações tenham ocorrido a partir do início da década de noventa, nos últimos anos esse gênero não se limita aos circuitos negros ou populares e passa a fazer parte do campo de preferências dos jovens de classes médias não só de Luanda, mas de Portugal também.

Sua batida eletrônica cadenciada e, sobretudo, as letras e o estilo de cantar e dançar constituem as músicas, combinando em uma feliz junção entre ritmo e estilo de vida, atraindo, assim a população jovem e o próprio mercado de consumo cultural de massas. Nesse contexto, a música de Angola, em especial o Kuduro (ritmo que mescla referências tradicionais de música popular com texturas e beats produzidos digitalmente) processa tal dinâmica trilhando caminhos particulares onde tais tecnologias foram manipuladas de modo astuto e orientadas, em certa medida, por uma perspectiva de autonomia.

Essa autonomia pode ser vista a partir de sua conformação avessa as cartografias previstas pela indústria no ramo do entretenimento e pela apropriação das ferramentas tecnológicas-digitais. Seus promotores, oriundos dos estratos menos favorecidos da sociedade angolana, a quem sempre foi legado o eterno estigma de massa, e por isso, o papel único de consumidores, foram excluídos de todo e qualquer tipo de razão que buscasse produção, seja em seu sentido subjetivo - da ordem da produção dos desejos - ou no sentido mais óbvio de produção de energia orientada à criação. Contrariando essa



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

lógica, eles se movimentaram e se colocaram, com o Kuduro, como produtores de conteúdos. O que está posto aqui é um ambiente de instabilidade, porém de criatividade e exercício no sentido de responder à exclusão e concentração, que marca o mercado musical. Descrevendo tão criativo cenário, cabe-nos refletir mais sobre seus agentes e pensar sobre como se estruturam suas lógicas, motivos, motores e logísticas.

Sendo uma música que ganha visibilidade a partir do uso destas plataformas, o Kuduro emerge num contexto marcado pela incerteza das possibilidades de manutenção de certo tipo de indústria, concentrado em fazer da música gravada sua mercadoria específica.

O aparecimento e uso das inovações técnicas, sem as quais seria impossível o fenômeno do Kuduro angolano (barateamento dos custos de produção), se difundiu numa velocidade impressionante por meio do youtube e outras plataformas de compartilhamento no formato Mp3, propondo uma outra forma de produção musical.

Desta forma, o Kuduro usa de um “common” musical marcado pelas batidas (beat) que (embora guardem semelhanças, são motivos de disputas pela criação e originalidade) são possíveis a partir da colagem de sons pré-fabricados e pela apropriação de trechos de músicas (ou mesmo de músicas completas de outras pessoas) que, por sua vez, modificam digitalmente e inserem as batidas particulares do ritmo.

O desenvolvimento do Kuduro se deu por caminhos interessantes, principalmente, por ter a apropriação tecnológica, a forma coletiva, a não especialização e a informalidade como marcas. O gênero é produto de um tempo onde se forjou autonomia da concepção do produto. As etapas inteiras da produção se tornaram disponíveis, isto é, a gravação do material bruto, edição, pós-produção e mesmo a finalização e geração do produto final (disco a ser comercializado). Isso é valorizado e permite a construção de uma auto-identidade positiva.

Vangakelly: a produção ta mto forte, video ta bala, e o som tbm é forte.

mampenza: ES MUITO BO SER ANGOLANO

<http://www.youtube.com/watch?v=yHybm-gYXyU&feature=related>



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

A produção dos Angolanos conseguiu conjumar de maneira astuta estas possibilidades enunciadas típica daqueles que aprendem a economizar não por opção, mas por necessidade. Esse mesmo motivo os levou a uma logística funcional, leve e auto-suficiente em sua produção, sempre orientada por uma economia de meios que reinventa seus procedimentos dia- a- dia, que se cria, tece seu futuro na prática, no cotidiano.

Por não ter quase nada – em termos de recursos - e pouco almejar, fez surgir um mundo incrível de possibilidades para a sua música. Assim, tomando as transversais dos caminhos tecnológicos que lhes eram minimamente oferecidos – crackeando softwares em vez de comprá-los, usando equipamentos de segunda mão ou os adquiridos por preços mais baixos em sites da internet - foi-se inventando essa produção.

Os *Kuduristas* ativaram e criaram grupos, unidas, pensaram e passaram a gerir mini-estúdios. Neste simples movimento transversal, se processou uma abreviação significativa em relação à organização arborescente e burocratizada das gravadoras que, em termos reais, significou a extinção de no mínimo cinco intermediários, colocados entre os músicos e o processo de gravação.

É neste momento, que o *Kuduro* atinge seu momento de realização plena dada a peculiaridade de sua fruição neste ambiente especial, repleto de tecnologias de som e imagem. Outro elemento central que merece destaque são as possibilidades de (des) construir a noção de propriedade intelectual colocadas pelas novas tecnologias. *Evidente, nos procedimentos escolhidos para fazer circular as músicas no contexto de Angola.*

É interessante observar que o *Kuduro* surge às margens de um sistema e na periferia dele. Não obstante, foi possível uma maneira inventiva de se fazer circular a música através de um circuito original marcado pela informalidade.

O compartilhamento ao se incluir, inova e imprime um tom e dinâmica ao processo de circulação profícuo. Ele consegue fazer os conteúdos percorrerem cartografias imensas em dias, inventando mapas cheios de atalhos. Sua dinâmica traz a flexibilização como marca, de que decorre sua agilidade e logísticas.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Desta forma, a natureza do *Kuduro* expõe o caráter efêmero da mercadoria que veicula e compartilha, a música. Elas são de existência instável e inconstante. Neste sentido, percebemos que fenômeno do *Kuduro* angolano possui um forte potencial que, por sua vez, tem sido explorado pela possibilidade de participação maciça em um processo produtivo social e socializado, cujos meios práticos se encontram nas mãos dos agentes produtores. As redes da internet são estratégicas para o capital, mas não somente para ele. Como iremos avaliar, outras relações intersubjetivas e processos cotidianos não mercantis são possíveis.

A sociologia busca avançar em relação aos obscurantismos da avaliação negativa dos prazeres do consumo, herdada da cultura de massa. Devemos, portanto, nos esforçar para explicar essas tendências emergentes com uma atitude sociológica mais complexas, que por sua vez, ajuda no afastamento de uma celebração populista dos prazeres de massa e da desordem cultural, mas não recais sobre perspectivas ou abordagens elitistas dos fenômenos culturais.

Colocado nesses termos, penso que a contribuição de Jeder Janotti pode lançar luz sobre o debate. Ao utilizar o conceito de música popular massiva, este autor busca, entre outros propósitos, colocar em evidência questões culturais mais amplas para o inter-relacionamento da cultura, economia e sociedade. Diferentemente de algumas reflexões que imprimem elitismos, este tipo de abordagem permite a identificação de alguma heterogeneidade mesmo se utilizando de um conceito coletivo, o de *música popular massiva*. Janotti, por sua vez, sinaliza o que compreenderia o conceito de Música popular massiva:

está ligada às expressões musicais surgidas no século XX e que se valeram do aparato midiático contemporâneo, ou seja, de técnicas de produção, armazenamento e circulação tanto em suas condições de produção quanto em suas condições de consumo. Na verdade, em termos midiáticos, pode-se relacionar a configuração da música popular massiva ao desenvolvimento dos aparelhos de reprodução e gravação musical, o que envolve as lógicas mercadológicas da indústria fonográfica, os suportes de circulação das canções e os diferentes modos de execução e audição relacionados a essa estrutura (JANOTTI, 2006, p. 33).

Janotti em outra passagem reforça que:

Na verdade, em termos mediáticos, pode-se relacionar a configuração da música popular massiva ao desenvolvimento dos aparelhos de reprodução e gravação musical, o que envolve as lógicas mercadológicas da indústria fonográfica, os suportes de circulação das canções e os



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

diferentes modos de execução, audição e circulações audiovisuais relacionados a essa estrutura (JANOTTI, 2005, p. 2).

Embora a formulação demande uma série de críticas do ponto de vista sociológico, não adentraremos nas questões semânticas que estão envolvidas nessa conceituação, mas procuraremos simplesmente trazer para o debate outra perspectiva sobre a música gravada. Como estamos discutindo mais as experiências de produção, circulação e consumo da música,

O conceito de música popular-massiva tal como se apresenta está próximo dos nossos interesses na medida em que está mais preocupado com as possibilidades técnicas e tudo que isso acarreta para a experiência da música no século XX. Utilizamos, pois, desse conceito com a intenção de informar ao leitor as características sociais, mediáticas, elementos e recursos, por assim dizer, da música gravada (passa pelas condições de produção e reconhecimento inscritas nas indústrias culturais, ou dialogam com elas). As produções caseiras também são admitidas nesse conceito amplo e bastante geral.

Tendo em vista isto, a escolha do *Kuduro* e do *Youtube* foi à possibilidade de agregar a discussão mais geral do fenômeno do compartilhamento e nos situar com maior profundidade com relação às redefinições na experiência da música, onde as práticas discursivas pareceram ser uma escolha bastante acertada. Não obstante, voltar-se para o objeto tentando perceber nele características mais gerais de um fenômeno global não pareceu satisfatório. Pensamos que seria necessário trabalhar com aquele material discursivo de forma mais generosa, buscando nos aproximar dos aspectos mais reflexivos.

Muito embora orientemos nosso trabalho numa perspectiva interdisciplinar, buscamos norteá-lo, sobretudo sob uma perspectiva sociológica. A partir do momento que percebemos que aquilo que estava sendo compartilhado não era apenas a música, mas sentimentos, imagens, idéias, entre outras coisas, tivemos a clareza que esse material discursivo merecia algum tratamento.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)Igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Poucos estudos, pelo que pudemos observar, sinalizaram para este caminho. Apesar dessa conformação interdisciplinar buscamos chamar atenção de um problema sociológico. A produção e consumo da música passam por outras lógicas. Não somente está sendo compartilhada a música, mas existe uma elaboração discursiva também publicada que permite uma reconfiguração.

A que devemos atribuir esses processos de mudança? As transformações do capitalismo? As práticas discursivas? Aos artefatos tecnológicos? A indústria fonográfica? Pensar que seria uma simples abertura ou possibilidade oferecida por meio das transformações das lógicas capitalistas seria demasiadamente estruturalista. As práticas seriam então vistas como epifenômenos, visão que não gostaríamos de corroborar. Levar em consideração apenas o impulso desses agentes seria nos eximir da responsabilidade de uma contextualização mais rigorosa, que é necessária. As mudanças das lógicas do capitalismo nas últimas décadas são fundamentais no entendimento do que acontece com as empresas e que tem ressonância no negócio da música. Pensar a tecnologia como algo distante do resto do processo, isto é, como algo que se desenvolve a revelia das demandas sociais ou mesmo como um objeto inerte que provoca impacto na sociedade parece ser perigosa. A tecnologia deve ser assimilada numa dinâmica mais ampla. Além do que a tecnologia faz sentido aqui por meio da apropriação social.

Tentamos trazer esse escopo mais amplo. No entanto, admitimos que pela escolha feita, a agência teve papel fundamental. O recurso metodológico privilegiou a tensão agência X estrutura, onde tentamos deixar explícita a dialética entre os discursos e a estrutura social. Apostamos num determinado tipo de análise que trouxe a baila uma movimentação que avança num sentido de mudança. A complexidade deste tipo de análise está no equilíbrio desses elementos que conformam o fenômeno.

Essa produção e consumo têm que ser pensada por meio de seu inter-relacionamento e nas relações de poder envolvidas. Essa produção e consumo têm adquirido um caráter de resistência e traços políticos bastante marcados. Pensar essa “micropolítica do cotidiano” tem sido algo profícuo, haja vista a demonstração das preferências e escolhas que perpassam elaborações discursivas, astutas e que revelam posicionamentos, inclusive, ideológicos. Portanto, é necessário atentar para o fenômeno trazendo a



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

complexidade subjacente, ou seja, problematizando as suas características sob perspectivas que produzam um conhecimento e a compreensão do processo.

4. Considerações Finais

Quando escolhemos um objeto complexo, ou melhor, quando o entendemos na sua complexidade, muitos elementos merecem ser discutidos. É preciso ter clareza que o objeto não pode ser esgotado. Teremos sempre uma visão recortada e parcial dos fenômenos. Isso não quer dizer, no entanto, que não devemos nos esforçar para trazer uma reflexão dessa conjunção de elementos, das numerosas relações de interdependência ou de subordinação, bem como dos diversos aspectos envolvidos. As lacunas deste trabalho, as aberturas acidentais ou propositadas são oportunas para que novas perspectivas se componham. As mudanças são incessantes. Os projetos podem ser sólidos, mas os ventos mudam de direção. O dissenso nasce aí.

Diante do exposto, faz-se fundamental ressaltar que o pensamento bakhtiniano elaborou uma ideia do discurso e da narrativa pautada na pluralidade das vozes, de vozes autônomas denominadas de *heteroglossia*. Como consequência da ideia de *heteroglossia* tem-se também a noção de dialogismo. Para Bakhtin, toda palavra é híbrida por natureza e toda palavra viva é dupla, dialógica, isto quer dizer que a linguagem é essencialmente social, só existe em ação (quando há um processo de interlocução). Levando-se em conta a condição pós-colonial na qual Angola está inserida, pode-se afirmar que o lugar da fala se dá pela dialógica entre o local e o global, entre o particular e o universal, entre o provinciano e o cosmopolita, sobretudo hoje, em meio ao processo acelerado de mundialização cultural e globalização econômica. O ritmo, a dança e as letras do *Kuduro* dão espaço a vozes polifônicas que dialogam com a modernidade, com os ventos da globalização e, como não poderia deixar de ser, com a tradição, numa heteroglossia entre o global e o local.

O *Kuduro* por meio de música e dança abre outro espaço de reflexão. Em comunhão com Benjamin (1984), ventila-se à necessidade de se ter uma leitura que não busque sob as palavras do discurso unicamente seu sentido habitual, mas a possibilidade



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II

Campus de Ondina

de outras versões. Esta seria a base de um procedimento analítico que procura descontextualizar aquilo que parece estar fixado e ser intransponível, para inseri-lo em outros lugares onde ganharia novo significado. Destarte, a realidade não é única, mas sim plural, temporária, alegórica. Ao mesclar ritmo, entretenimento e a possibilidade de interação com público, como na plataforma *You Tube*, essa não linearidade é latente, isto é, há uma ruptura com a compreensão superficial. Entretanto, a polifonia de vozes, a multiplicidade de trajetórias, biografias, afetos, aliadas a uma realidade social em dinâmica de “reconstrução” após trinta anos de guerra civil, termina por culminar no embate, no choque, entre a visão de mundo de jovens esperançosos no soerguimento do país sob a égide da *angolanidade* e de uma identidade nacional comum e todo um ideário que paira em seu em torno. Desta maneira, a audiência por meio de suas práticas discursivas opera uma reconstrução da realidade capaz de trazer para dentro do racional aquilo que não pode ser controlado.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail (1999). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Ed. HUCITEC
- BARROS, Diana Luz Pessoa (2007). “Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discursos” In *Diálogos com Bakhtin*; FARACO, Alberto; Tezza, Cristovão & CASTRO, Gilberto de. Curitiba, Ed. UFPR
- BENJAMIN, Walter (1984) *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo, Ed. Brasiliense.
- BITTENCOURT, Marcelo (2007). *Da traficância à independência angolana*. Disponível em: <<http://www2.ceris.org.br/piba/>>.
- FREIRE FILHO, João e JANOTTI JR. Jeder (org). (2006), *Comunicação & Música Popular Massiva*. Salvador: Edufba, 2006.
- FREIRE FILHO, João. (2007). *Reinvenções da Resistência Juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano*. Rio de Janeiro: Mauad X.
- JANOTTI JR, Jeder. (2007), *Música popular massiva e comunicação: um universo particular*. Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais

Diversidades e (Des)igualdades

Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.

Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II
Campus de Ondina

Comunicação (NP Comunicação e Culturas Urbanas) do XXX Congresso Brasileiro de Ciências em Comunicação, Santos, SP, 2007.

JANOTTI JR., Jeder Silveira. (2005), *Música Popular ou Música Pop? Trajetórias e Caminhos da Música na Cultura Mediática*. In: Encontro Latino de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, 2005, Salvador. Anais V Enlepicc, 2005a. v.1.

JANOTTI JUNIOR, J. S. (2007), *Música Popular Massiva e Comunicação: um universo particular*. Interin (Curitiba), v. 4, p. 1-12.

JANOTTI JUNIOR, J. S. (2005). *Música Popular ou Música Pop? Trajetórias e Caminhos da Música na Cultura Mediática*. In: Encontro Latino de Economia Política da Informação, Comunicação e Cultura, 2005, Salvador. Anais V Enlepicc, v. 1.

SANTANA, P.M.S, Paulo de Carvalho. Entrevista inédita. 2009.

SOARES, Paulo Marcondes Ferreira. (1994). *Urbana Legião: consumo e contestação no rock brasileiro nos anos 80*. Dissertação de mestrado em Sociologia, Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Recife.

Site acessado: www.youtube.com

Notas de rodapé

¹ Doutorando em sociologia da Universidade Federal de Pernambuco

² Doutoranda em sociologia da Universidade Federal de Pernambuco

³ O YouTube é um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos em formato digital. É o mais popular site do tipo (com mais de 50% do mercado em 2006[2]) devido à possibilidade de hospedar quaisquer vídeos (exceto materiais protegidos por copyright, apesar deste material ser encontrado em abundância no sistema). Hospeda uma grande variedade de filmes, videoclipes e materiais caseiros. O material encontrado no YouTube pode ser disponibilizado em blogs e sites pessoais.

⁴angolano